

Sobre a diferença entre a palavra divina e a humana

TOMÁS DE AQUINO

Introdução

1. Para entender o vocábulo "palavra", é preciso saber que, como diz Aristóteles, aquilo que é expresso com a voz é signo do que há nas potências da alma.

2. Ora, é usual que na Sagrada Escritura se atribuam os nomes dos signos às realidades significadas, e, reciprocamente, como quando se diz: "A pedra, porém, era Cristo" (I Cor 10, 4).

3. Segue-se, pois, necessariamente, que se chame também "palavra" àquilo que está presente interiormente na nossa alma e que exteriormente é significado pela voz mediante a palavra.

4. Não tem a menor importância para esta nossa discussão se o nome "palavra" é mais adequado à realidade exterior, proferida pela voz, ou ao próprio conceito interior da alma. É, no entanto, evidente que o conceito interior na alma precede a palavra proferida vocalmente e é como que sua causa.

5. Se, pois, quisermos saber o que é essa "palavra interior" (o conceito) em nossa alma, examinemos o que significa a palavra proferida exteriormente pela voz.

I - A palavra e o intelecto

1. Ora, há no nosso intelecto três realidades, a saber:

- a) a própria potência do intelecto;
- b) a espécie da coisa conhecida, que é a sua forma, e que está para o intelecto assim como a espécie da cor está para a pupila (no caso da visão);
- c) a própria operação do intelecto que é a intelecção.

2. Nenhuma destas três realidades, porém, é significada pela palavra proferida exteriormente mediante a voz. Pois uma palavra, digamos, "pedra", não sig-

nifica a substância do intelecto, pois não é este o sentido que se imprime a essa palavra. Não significa também a espécie pela qual o intelecto entende (tampouco a isto se dirige a intenção do falante). E também não significa a própria intelecção, pois a intelecção não é um ato que "saia" do sujeito cognoscente, mas permanece nele; ao passo que a "palavra" interior é concebida¹ e se comporta como algo que, por assim dizer, "sai" do sujeito, como se comprova pelo seu signo: a palavra exterior, que, sendo vocalmente proferida, sai para fora do sujeito.

3. Assim, é em sentido próprio que chamamos palavra interior àquilo que o sujeito forma no ato de intelecção. Ora, o intelecto forma duas coisas de acordo com duas de suas operações. Segundo a operação que se chama indivisível forma a definição; e, segundo a operação pela qual afirma ou nega, forma a enunciação ou seus equivalentes. E, assim, aquilo que é formado e expresso pela operação do intelecto, ao definir ou enunciar, é significado pela palavra exterior. Daí que Aristóteles diga (IV. *Metaphys.*): "A *ratio* significada por um nome é a definição".

4. Portanto, aquilo que desse modo é formado e expresso na alma é chamado palavra interior e referido ao intelecto não como aquilo pelo que² o intelecto entende, mas aquilo no que entende, isto é, nessa palavra interior, expressa e formada, vê a natureza da coisa inteligida.

5. E assim temos o significado de "palavra"³.

II - Características da Palavra: formada pelo intelecto e *ratio* da coisa

1. Dessas considerações, podemos já extrair duas características da palavra: 1) que ela sempre é algo que procede do intelecto e existe⁴ no intelecto; 2) que a palavra sempre⁵ é *ratio* e semelhança da coisa conhecida pelo intelecto.

2. No caso de o mesmo sujeito ser cognoscente e conhecido, a palavra é *ratio* e semelhança do intelecto de que procede. Se, porém, um é o que conhece, e outro o conhecido, então a palavra não é a *ratio* do que conhece, mas a *ratio* da coisa conhecida: tal como o conceito que alguém tem de pedra não passa de semelhança

(1) No original latino, *verbum interius conceptum*. O caráter de participio da palavra conceito ("concebido") torna transparente o fato de que o conceito é "concebido", fruto de uma concepção como palavra interior.

(2) Trata-se aqui da espécie impressa.

(3) Esta frase só se encontra na *Exposição sobre o Evangelho de João*.

(4) Evidentemente, a palavra, mesmo ao ser proferida, não perde sua existência no intelecto. Isto terá sua importância no caso da Encarnação do Verbo divino, que embora tenha sido "proferido", quando "se fez carne e habitou entre nós", permaneceu junto ao Pai.

(5) Esta palavra, "sempre", só se encontra na *Exposição sobre o Evangelho de João*.

da própria pedra. Mas quando o intelecto se conhece a si mesmo, então tal conceito é *ratio* e semelhança do próprio intelecto.

3. Daí que Agostinho (De Trin. IX, 5) encontre um modelo da Trindade na alma humana: a mente se conhece a si mesma, não segundo o modo pelo qual conhece a outro. É evidente, pois, que, para o entendimento de qualquer realidade intelectual, o cognoscente tenha de formar a palavra, pois é da própria essência da inteligência que o intelecto forme algo e este algo formado se chama palavra.

III - As três palavras: a de Deus, a do anjo e a do homem

1. Ora, sendo três as naturezas intelectuais – a humana, a angélica e a divina –, três são as palavras. Há, assim, uma palavra humana, como se lê no Salmo 13: "Disse o insensato em seu coração: 'Não há Deus' etc."; há palavra de anjo, como se lê em Zacarias (1, 9): "Disse o anjo etc."; e há palavra divina: "Disse Deus: faça-se a luz etc." (Gn 1, 5).

2. Quando o evangelista diz "No princípio era o Verbo", sem dúvida se refere à Palavra divina e não à palavra humana ou angélica, ambas criadas, pois certamente a palavra não pode preceder àquele que a profere (e o homem e o anjo também foram criados: têm causa e princípio em seu ser e em seu agir)⁶. Ora, a Palavra, o Verbo a que João se refere, não só não foi criado, como também "tudo por Ele foi criado". Trata-se, pois, necessariamente do Verbo divino.

3. Deve-se saber que a Palavra divina difere da nossa em três pontos:

IV - A primeira diferença entre a palavra divina e a humana

1. A primeira diferença entre a palavra divina e a humana, segundo Agostinho, é que a nossa palavra é antes formável do que formada: pois quando quero conceber a essência⁷ de pedra tenho de raciocinar para chegar a ela, e assim também em tudo o que é objeto de nossa inteligência, a não ser, talvez, no caso dos primeiros princípios, que – sendo conhecidos naturalmente sem discurso da razão – são imediatamente conhecidos.

2. Enquanto o intelecto está em processo de discorrer raciocinando, lançado de um lado para o outro, não há formação perfeita até que perfaça o conceito⁸ da

(6) O que está entre parênteses só se encontra na *Exposição sobre o Evangelho de João*.

(7) No orig.: *rationem*.

(8) No orig.: *rationem*.

própria essência do objeto, e é só ao perfazer a *ratio* da coisa que essa *ratio* adquire caráter de palavra.

3. Há, pois, em nossa alma, cogitação, isto é, o pensamento que discorre e indaga; e há, além disso, a palavra que já está formada pela perfeita contemplação da verdade, e assim a perfeita contemplação da verdade se diz palavra.

4. A nossa palavra está, pois, em potência antes do que em ato. O Verbo divino, porém, está sempre em ato e assim o termo cogitação não é adequado ao Verbo de Deus. Tal como diz Agostinho (De Trin. III): "Chamamo-Lo Verbo de Deus para excluir a cogitação; para que não se creia que haja em Deus movimento". E a sentença de Anselmo: "Falar, para o Pai, não é outra coisa que ver pela cogitação", é uma formulação imprópria.

V - A segunda diferença entre a palavra divina e a humana

1. A segunda diferença entre a nossa palavra e a Palavra divina é que a nossa é imperfeita, enquanto o Verbo divino é perfeitíssimo. E isto porque nós não podemos expressar em uma única palavra tudo o que há em nossa alma, e devemos nos valer de muitas palavras imperfeitas e, por isso, exprimimos fragmentária e setorialmente tudo o que conhecemos.

2. Já em Deus não é assim: Ele, conhecendo em um único ato a si mesmo e a todas as coisas pela Sua essência, um único Verbo divino expressa tudo que é em Deus: não só o que se refere ao Pai, mas também às criaturas, pois, em caso contrário, seria imperfeito. Daí que Agostinho diga: "Se houvesse menos no Verbo do que no conhecimento dO que O profere, o Verbo seria imperfeito". Mas é certo que o Verbo divino é perfeitíssimo e, portanto, único, daí que se leia em Jó (33, 14): "Uma só vez fala Deus".

VI - A terceira diferença entre a palavra divina e a humana

1. A terceira diferença está em que a nossa palavra não constitui uma única natureza conosco, enquanto o Verbo divino constitui uma mesma natureza com Deus e subsiste na natureza divina. Pois a *ratio* intelectual que nosso intelecto forma de algo só tem ser na alma intelectual; pois o conhecer intelectualmente não se identifica com a própria alma, já que a alma não é a sua operação. E, assim, o termo que o nosso intelecto forma não é da essência da alma, mas apenas seu acidente.

2. Já em Deus entender e ser é o mesmo, e, assim, o Verbo formado pelo intelecto divino não é algo accidental, mas de Sua natureza: daí que necessariamente seja subsistente, já que tudo que é na natureza de Deus é Deus. Daí que João Damasceno afirme que "o Verbo de Deus é subsistente, existe em Pessoa; enquanto as outras palavras (as humanas) não são senão produtos da alma".

VII - Conclusões

1. Do que acima dissemos, segue-se que, em Teologia, propriamente falando, em se tratando de Deus, o Verbo sempre se diz pessoalmente, quando não se referir senão aO que é expresso pelo que entende.

2. É evidente também que o Verbo divino é semelhança dAquele de quem procede e é-Lhe coeterno, porque não foi formável antes de ser formado, mas é sempre em ato. E, sendo perfeito e expressivo da plenitude do ser do Pai, é igual ao Pai; e, sendo subsistente na natureza do Pai, é-Lhe co-essencial e consubstancial.

3. É evidente ainda que, em qualquer natureza, aquele que procede, guardando a semelhança e a natureza daquele de quem procede, chame-se filho. É o caso do Verbo, que em Deus é chamado Filho e sua produção denominada geração.

De differentia verbi divini et humani

1. Ad intellectum hujus nominis quod dicitur "verbum" sciendum est secundum Philosophum (I Perih., II), quod ea quae sunt in voce, sunt signa earum quae sunt in anima passionum.

2. Consuetum autem est in Scripturis quod res significatae sortiuntur vocabula signorum, et e contrario, sicut illud: "Petra autem erat Christus" (I Cor 10, 4).

3. De necessitate ergo sequitur, quod illud intrinsecum animae nostrae, quod significatur voce exteriori cum verbo nostro, verbum vocetur.

4. Utrum autem prius conveniat nomen verbi rei exteriori voce prolatae, vel ipsi conceptui animae interiori, nihil refert ad praesens. Planum tamen est, quod illud quod signifi-

catur interius in anima existens, prius est quam ipsum verbum vocem prolatum, utpote causa eius existens.

5. Si vero volumus scire quid est interius verbum in anima nostra, videamus quid significet verbum, quod exteriori voce profertur.

I

1. In intellectu autem nostro⁹ tria sunt, scilicet ipsa potentia intellectus, species rei intellectae, quae est forma eius se habens ad ipsum intellectum sicut species coloris ad pupillam, et intelligere, quod est operatio intellectus.

2. Nullum vero istorum significatur verbo exteriori voce prolato; nam hoc nomen, lapsus, non significat substantiam intellectus, quia hoc non intendit dicere nominans; nec significat speciem qua¹⁰ intellectus intelligit, cum nec sit haec intentio nominantis, nec etiam significat ipsum intelligere, cum intelligere non sit actio progrediens ab intelligente, sed in ipso manens, verbum autem interius conceptum per modum egredientis se habet, quod testatur verbum exterius vocale, quod est eius signum; illud enim egreditur a dicente vocaliter ad extra.

3. Illud ergo proprie dicitur verbum interius, quod intelligens intelligendo format. Intellectus autem duo format secundum duas eius operationes. Nam secundum operationem suam, quae dicitur indivisibilem intelligentia, format definitionem. Secundum vero operationem, qua componit et dividit, format enuntiationem, vel aliquid tale, et ideo illud sic formatum et expressum per operationem intellectus vel definientis vel enuntiantis, exteriori verbo significat. Unde dicit Philosophus, IV. Met., "Ratio quam significat nomen, est definitio"

4. Istud ergo sic formatum et expressum in anima dicitur verbum interius, et ideo comparatur ad intellectum non sicut quo intellectus intelligit, sed sicut in quo intelligit, quia in isto sic expresso et formato videt naturam rei intellectae.

II

1. Ex his ergo duo possumus de verbo accipere, scilicet quod verbum est semper aliquid procedens ab intellectu, et in intellectu existens, et quod verbum est ratio et similitudo rei intellectae.

2. Et si quidem eadem res sit intelligens et intellecta, tunc verbum est ratio et similitudo intellectus a quo procedit. Si autem aliud sit intellectus et intellectum, tunc verbum non est ratio intelligentis, sed rei intellectae: sicut conceptio quam habet aliquis de lapide est similitudo lapidis tantum. Sed quando intellectus intelligit se, tunc tale verbum est ratio et similitudo intellectus.

(9) Esta palavra só aparece na *Exposição sobre o Evangelho de João*.

(10) O texto de Mandonnet erradamente diz *quia*.

3. Et ideo Augustinus ponit similitudinem Trinitatis in anima, secundum quod mens intelligit seipsam, non autem secundum quod¹¹ intelligit alia. Patet ergo quod in qualibet re intellectuali, cui competet intelligere, necesse est ponere verbum: de ratione enim intelligendi est, quod intellectus intelligendo aliquid formet; talis autem formatio dicitur verbum.

III

1. Natura vero intellectualis est natura humana, angelica et divina, et ideo est verbum humanum; unde in Ps. XIII: "Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus etc.". Et est verbum angeli, Zac.I: "Dixit angelus etc.". Et est verbum divinum, Gn I: "Dixit Deus etc.".

2. De quo Joan.: "in principio erat Verbum etc." Constat quod non dixit hoc de verbo humano nec angelico, quia utrumque istorum factum est, cum verbum non praecedat dicentem; hoc autem Verbum, de quo Joan. loquitur, non est factum, sed "omnia per ipsum facta sunt" Oportet ergo hoc de Verbo divino intelligi.

3. Et sciendum est quod Verbum Dei, de quo loquitur Joan., tres habet differentias ad verbum nostrum.

IV

1. Prima est secundum Augustinum, quia verbum nostrum est prius formabile quam formatum; nam cum volo concipere rationem lapidis, oportet quod ad ipsum verbum ratiocinando perveniam, et sic est in omnibus aliis quae a nobis intelliguntur, nisi forte in primis principiis, quae cum sit naturaliter nota, absque discursu rationis statim intelliguntur seu cognoscuntur.

2. Quamdiu ergo intellectus ratiocinando discurrit, huc illucque jactatur, necdum formatio perfecta est, nisi quando ipsam rationem rei perfectae conceperit, et tunc primo habet rationem verbi.

3. Et inde est quod in anima nostra est etiam cogitatio per quam significatur ipse discursus inquisitionis, verbum quod est jam formatum per perfectam contemplationem veritatis, ideo perfecta contemplatio veritatis dicitur Verbum.

4. Sic ergo verbum nostrum prius est in potentia quam in actu. Sed Verbum divinum semper est in actu, et ideo nomen cogitationis Verbo Dei proprie non convenit. Dicit enim Augustinus, III De Trin., "Ita dicitur illud Verbum Dei, ut cogitando non dicatur, ne quid quasi volubile in Deo credatur". Et illud quod Anselmus dicit, quod "dicere summo Patri, nihil aliud est quam cogitando intueri", improprie dictum est.

(11) No texto de Mandonnet faltam estas 7 últimas palavras.

V

1. Secunda differentia est verbi nostri ad divinum, quia nostrum est imperfectum; sed Verbum Dei est perfectissimum, quia nos non possumus omnia quae sunt in anima nostra uno verbo exprimere, et ideo oportet quod sint plura verba imperfecta, per quae divisim exprimamus omnia quae sint in scientia nostra sunt.

2. In Deo autem non est sic. Cum enim ipse intelligat et seipsum et quidquid intelligit per essentiam suam, uno actu unicum Verbum divinum expressivum est totius quod in Deo est, non solum patris, sed etiam creaturarum, aliter esset imperfectum: unde dicit Augustinus: "Si aliquid minus esset in verbo quam in scientia continentur dicentis, esset verbum imperfectum". Sed constat quod divinum Verbum est perfectissimum: ergo est tantum unum, unde Job XXXIII: "Semel loquitur Deus".

VI

1. Tertia differentia est, quod verbum nostrum non est ejusdem naturae nobiscum, sed verbum divinum est ejusdem naturae cum Deo, et subsistens in natura divina. Nam ratio intellectiva quam intellectus noster de aliqua re format, habet esse in anima intellectibili tantum; intelligere autem non est idem cum esse naturali animae, quia anima non est sua operatio, et ideo verbum quod format intellectus noster, non est de essentia animae, sed est accidens ei.

2. In Deo autem idem est intelligere et esse, et ideo verbum quod format intellectus divinus, non est aliquod accidens, sed pertinet ad naturam ejus: unde oportet quod sit subsistens, quia quidquid est natura Dei, est Deus. Unde dicit Damascenus, quod "Dei verbum subsistens est, et in hypostasi ens, reliqua vero verba <nostra, scilicet>, virtutes sunt animae".

VII

1. Ex praemissis ergo tenendum est, quod proprie loquendo Verbum semper dicitur personaliter in divinis, cum non importet nisi quid expressum ab intelligente.

2. Patet etiam quod Verbum in divinis est similitudo ejus a quo procedit et quod est coaeternum ei a quo procedit, cum non fuerit prius formabile quam formatum, sed semper in actu, et quod sit aequali Patri, cum sit perfectum, et totius esse Patris expressivum, et quod sit coessentiale et consubstantiale Patri, cum sit subsistens in natura ejus.

3. Patet etiam quod cum in qualibet natura id quod procedit habens similitudinem et naturam ejus a quo procedit, vocetur filius: et hoc fit in Verbo, quod in Deo dicatur Filius, et productio ejus dicitur generatio.

(Recebido para publicação em 26.10.92 e liberado em 26.11.92)